

## 50 anos do triunfo da Revolução Cubana

José Rodrigues Mão Júnior\*

Cuba, 1º de janeiro de 1959. Colunas do *Ejército Rebelde* comandadas por Camilo Cienfuegos e Che Guevara avançaram rumo a Havana após conquistar a cidade de Santa Clara, na região central da Ilha. O ditador Fulgencio Batista, fugiu do país com as malas devidamente recheadas de dólares, enquanto um general anti-batistiano – Eulogio Cantillo – intentava um golpe militar. A manobra deste último era astuciosa: pretendia ocupar o vácuo político-institucional decorrente do colapso do regime e impedir a tomada do poder pelos revolucionários.

Naquele momento, Fidel Castro, o Comandante em Chefe do *Ejército Rebelde*, que recentemente havia conquistado a cidade de Palma de Soriano, mantinha Santiago de Cuba sob cerco. Ao inteirar-se dos acontecimentos, Fidel, através da Rádio Rebelde, lançou uma proclamação convocando o povo cubano a uma greve geral revolucionária. O povo aderiu entusiasticamente ao chamado, lançando-se às ruas, assaltando os corpos repressivos, detendo torturadores. Naquele dia, o povo converteu-se num gigantesco exército e ator decisivo do triunfo revolucionário.

Historicamente, esta data se diferenciou de um outro evento que havia ocorrido em Cuba há exatos 60 anos. No dia 1º de janeiro de 1899, Cuba tornou-se independente. Entretanto, sobre as antigas fortalezas espanholas não foram hasteadas as bandeiras cubanas, mas a temível bandeira de listras e estrelas dos EUA.

Nenhum povo do continente americano lutou por sua independência em condições tão difíceis quanto o povo cubano. Foram duas guerras de independência: a *Guerra dos Diez Años* (1868-1878), e a *Segunda Guerra de Independencia* (1895-98). Neste último conflito, morreram cerca de 80 mil soldados espanhóis e cerca de 400 mil cubanos. Tendo em vista que a população cubana era estimada em torno de 1,5 milhão de habitantes, poderíamos afirmar que esta guerra foi o *Vietnã do século XIX*, segundo expressão de Fidel Castro.

Em 1898, quando as tropas independentistas cubanas praticamente já controlavam a maior parte das áreas rurais de Cuba, os EUA intervieram no conflito – supostamente para “ajudar os cubanos” – e de maneira oportunista se apoderaram do país. O primeiro Governo “cubano” foi o da intervenção militar estadunidense que perdurou até 1902.

Durante o *Gobierno Militar* dos EUA, foram criados a maioria dos mecanismos institucionais e econômicos que garantiram o domínio neocolonial sobre Cuba. Como anexo a Constituição cubana, foi imposta a *Enmienda Platt*, que dava o direito aos estadunidenses intervirem militarmente na Ilha, e ainda o direito a uma base naval em Guantánamo. O *Gobierno Militar* inaugurou também a corrupção e a fraude eleitoral em Cuba para eleger alguém de confiança como presidente. Tratava-se de Tomás Estrada Palma, que tinha dupla cidadania e foi eleito sem sequer estar em território cubano.

A história política de Cuba na primeira metade do século XX pode ser resumida, a grosso modo, numa sucessão de governos oligárquicos, permeados por ditaduras e intervenções militares dos EUA. Entretanto, o principal mecanismo de sujeição de Cuba ao imperialismo não era o militar, mas o econômico.

---

\* Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP, Campus Cubatão, e autor de *A Revolução Cubana e a Questão Nacional* (1868-1963) (Núcleo de Estudos d’O Capital).

Ainda no século XIX, os interesses da burguesia açucareira cubana e de empresas estadunidenses se entrelaçavam. Esta situação aprofundou-se durante o *Gobierno Militar* que, através de *Ordens Militares*, expropriou terras de grande parte do campesinato. Desta forma empresas dos EUA – e também latifundiários cubanos – se apropriaram de vastas extensões de Cuba. Mecanismos comerciais e alfandegários garantiam vantagens para o açúcar produzido em Cuba no mercado estadunidense. Desta situação se beneficiavam principalmente as empresas estadunidenses estabelecidas na Ilha, mas também, na qualidade de sócios menores, a burguesia açucareira cubana.

Dentro deste quadro, a possibilidade de realização de lucros por parte do setor mais poderoso da burguesia cubana, estava atrelado a manutenção dos mecanismos de sujeição política e econômica em relação aos EUA. Em troca da garantia para o açúcar cubano no mercado estadunidense, o Governo cubano teve que fazer uma série de concessões que obstaculizaram o desenvolvimento de outras áreas da economia. Crescentemente, Cuba tornou-se um país monoprodutor de açúcar, que exportava para um único mercado: os EUA.

Em relação às camadas médias urbanas, esta deformação da economia reduzia as suas possibilidades de ascensão, ou até mesmo de manutenção de seu *status quo*. Por parte do proletariado (em grande parte rural), o caráter sazonal da economia açucareira limitava o acesso a empregos estáveis. Quanto ao campesinato, este era crescentemente vítima de expulsões de suas terras, para dar espaço ao constante avanço dos latifúndios para novas áreas de cultivo. Diante da postura neocolonial da classe dominante cubana, não é de se estranhar que a bandeira de luta pela emancipação nacional acabasse empalmada pelos setores descontentes da sociedade cubana.

A contínua queda da cotação do açúcar no mercado internacional, nos anos que se seguiram ao final da I Guerra Mundial, conduziu Cuba a uma crise econômica e social que se estendeu por toda a década de 1920. Neste período floresceu não apenas um organizado e combativo movimento operário, mas também um radicalizado movimento estudantil universitário. Os estudantes universitários, unidos em torno da *Federación de Estudiantes Universitarios* – FEU – expressavam essencialmente o descontentamento das camadas médias urbanas em relação ao regime oligárquico. A ala esquerda do movimento estudantil acabou cerrando fileiras com movimento operário e, juntos, fundaram o primeiro Partido Comunista de Cuba, em 1925.

Cedo o proletariado cubano soube vincular a luta pela *emancipação social* à luta pela *emancipação nacional*. O Partido Comunista de Cuba soube incorporar estas duas dimensões da luta desde a sua fundação em 1925. Rapidamente colheu os seus frutos: tornou-se o terceiro maior Partido Comunista do continente.

Em resposta ao efervescente quadro de agitação operária e estudantil, a oligarquia cubana instaurou a ditadura do general Gerardo Machado, que contava com o ostensivo apoio dos EUA. Este governo caracterizou-se pela sua ferocidade repressiva. Gerardo Machado, mais conhecido como *El Asno con Garras*, organizou uma sistemática onda de assassinatos sobre as lideranças operárias e estudantis, que se abateu principalmente sobre os membros do recém-fundado Partido Comunista.

A economia cubana, que já enfrentava uma grave crise econômica decorrente da contínua queda da cotação dos preços do açúcar durante a década de 1920, sofreu um novo e terrível abalo após o colapso geral de economia capitalista em 1929. Diante de um verdadeiro cataclismo econômico, político e social, nem mesmo a mão de ferro do regime ditatorial do General Gerardo Machado pôde conter a agitação social.

A oposição armada contra o regime iniciou-se dirigida por elementos dissidentes da própria oligarquia, ainda em 1931. Foram rapidamente derrotados, mas imediatamente secundados por movimentos de características insurrecionais, liderados por setores das camadas médias urbanas – tendo como vanguarda os estudantes universitários – e pelo proletariado urbano e rural, solidamente organizados pelo Partido Comunista.

Em 1933 a crise política e social chegou ao ápice. Em agosto daquele ano, o General Gerardo Machado foi deposto. Em setembro, um movimento dos subalternos das forças armadas destituiu os oficiais e passou a reorganizar o Exército a partir de oficiais improvisados pertencentes ao quadro de sargentos. Um dos principais líderes do movimento era o então sargento Fulgencio Batista, que acabou por assumir a patente de coronel e galgar o comando do Exército. O movimento dos sargentos foi fundamental para que a derrocada de uma ditadura assumisse características revolucionárias.

O Governo que assumiu o poder em setembro representava, sobretudo, os interesses das camadas médias urbanas, sendo o Presidente empossado pelo movimento, Ramón Grau San Martín, um professor universitário, que tinha como principal base de apoio o *Directorio Estudiantil Universitario – DEU*. Dentre as principais personalidades políticas do movimento, se destacavam o jovem Antonio Guiteras – ex-líder estudantil, de apenas 27 anos de idade, que assumiu a *Secretaria de Gobernación, Guerra e Marina* – e Fulgencio Batista, comandante do Exército. Ambos representavam, respectivamente, as alas esquerda e direita do Governo de Grau San Martín.

Os Estados Unidos não reconheceram o novo Governo e mantiveram unidades navais ameaçadoramente diante dos portos cubanos, com tropas de fuzileiros prontas para desembarcar. Não obstante, uma intervenção militar direta não se fez necessária. Cedo, o embaixador dos EUA reconheceu em Fulgencio Batista um elemento dúctil para as suas manobras. Em janeiro de 1934, desfechou um golpe militar e empossou um novo presidente. A partir de então, Fulgencio Batista tornou-se o novo *strong man* dos Estados Unidos em Cuba. Embora o poder fosse nominalmente exercido por um presidente civil, o verdadeiro poder estava nas mãos do comandante do Exército, que, inclusive, se reservava no direito de depor e nomear os Chefes de Estado conforme a conveniência sua e dos EUA.

A depressão econômica da década de 1930 havia abalado o poderio dos EUA. Por outro lado, o surgimento dos regimes totalitários na Europa e a aproximação da II Guerra Mundial, fizeram com que os EUA adotassem a política da *Boa Vizinhança* como estrela polar de sua diplomacia. O apoio do Governo estadunidense às ditaduras execráveis, como a de Cuba, entrava em profunda contradição com a nova orientação de sua política externa, baseados na defesa dos valores liberais democráticos. A partir de então Cuba passou por um processo de democratização, que se estendeu entre os anos de 1939 e 1952.

No entanto, o breve verão da democracia burguesa em Cuba foi efêmero. Uma vez derrotada a Alemanha Nazista, no final da II Guerra Mundial, Washington substituiu Berlin como centro da contra-revolução mundial. Iniciou-se o período da *Guerra Fria*, onde a contenção do comunismo passou a ser a nova estrela polar da política externa dos EUA. Segundo esta nova orientação, o comunismo deveria ser detido, tanto pela intervenção militar direta – como no caso da criminosa agressão imperialista estadunidense contra o povo coreano – como pelo apoio aos regimes ditatoriais anticomunistas. No caso da política externa dos EUA em relação à América Latina, era exigido das nações do continente o alinhamento incondicional. Desta forma, em nome da contenção do comunismo, esta exigência de submissão dos países latino-americanos à sua hegemonia fez com que qualquer Governo ou movimento nacionalista fosse imediatamente estigmatizado como comunista.

Em 1952 deveriam ocorrer eleições em Cuba. Diante da indefinição do quadro eleitoral, e em função da possibilidade da eleição do Partido Ortodoxo – que representava essencialmente os interesses de uma camada média urbana radicalizada e nacionalista – o Departamento de Estado dos EUA chancelou o golpe militar perpetrado pelo general Fulgencio Batista. Assim, tendo como justificativa ideológica a política estadunidense da *Guerra Fria*, estabeleceu-se em Cuba uma nova ditadura.

No ano seguinte, um grupo de jovens liderados por Fidel Castro, determinados a enfrentar a tirania com armas em punho, tentou tomar o Quartel Moncada em Santiago de Cuba. A operação fracassou. Alguns dos jovens caíram em combate, e muitos outros foram assassinados após a captura. Os que sobreviveram foram presos, julgados e sentenciados. Mais tarde foram anistiados e reagrupados no exílio em terras mexicanas. Ainda no México, o médico argentino Che Guevara incorporou-se ao grupo liderado por Fidel Castro, cujo objetivo era desembarcar em Cuba e reiniciar a luta contra a ditadura de Fulgencio Batista.

No México, em 25 de novembro de 1956, 82 expedicionários embarcaram no iate Granma – de apenas 12,5 metros de comprimento. Desembarcam em Cuba no dia 2 de Dezembro. Depois de um primeiro combate desfavorável, o grupo foi reduzido a cerca de 15 homens dispersos, alguns desarmados, outros feridos. Não obstante, o local do desembarque estava próximo à região da *Sierra Maestra*, na região oriental da Ilha, onde existia um mobilizado campesinato que resistia à geofagia dos latifundiários. Os sobreviventes do Granma foram acolhidos no seio desta população camponesa, protegidos e alimentados. A partir deste pequeno grupo de sobreviventes, e com a incorporação de camponeses da região, rapidamente se desenvolveu uma guerrilha na *Sierra Maesta*. Surgiu assim, o *Ejército Rebelde*.

Depois de algumas vitoriosas escaramuças iniciais, o *Ejército Rebelde* cresceu em número, a ponto de criar um território livre na *Sierra*. No início de 1958, a guerrilha contava com um efetivo de aproximadamente 300 homens. O ditador Fulgencio Batista, com intuito de esmagar o movimento, organizou uma ofensiva de *cercos e aniquilamento* em maio daquele ano. Esta ofensiva contava com cerca de 10 mil homens, apoiados por artilharia, blindados e aeronaves. Durante os 76 dias desta ofensiva, combateu-se com ferocidade, e surpreendentemente, para completa desmoralização do regime de Batista, o *Ejército Rebelde* saiu-se vitorioso.

A partir de então, a guerrilha passou a atuar fora de suas bases na *Sierra*, colocando sempre as forças repressivas em xeque. Alguns meses mais tarde, o ditador, totalmente desmoralizado, fugiu do país em 1º de janeiro de 1959.

No dia seguinte, Fidel Castro à frente da Coluna nº 1 marchou pelas ruas de Santiago de Cuba, ocupando simbolicamente o Quartel Moncada, local onde havia desfechado a sua primeira ação em 1953. Naquela noite, em meio ao júbilo popular, fez o seu primeiro discurso após a queda de Batista. Neste discurso, além de referências históricas sobre as duas datas, 1º de janeiro de 1899 e de 1959, Fidel também se referiu ao inevitável conflito com os EUA:

“Destas vezes não se frustrará a Revolução. Desta vez, para sorte de Cuba, a Revolução chegará de verdade até o final; não será como em 1895, quando vieram os americanos e fizeram-se donos do país; intervieram na última hora e depois nem sequer a Calixto García, que havia lutado por 30 anos, deixaram entrar em Santiago de Cuba; ... Nem Ladrões, nem traidores, nem intervencionistas, desta vez sim, é uma Revolução ...”.